

Coluna do Castello

Histórias leves em dias difíceis

Ontem pela manhã, preparando-se para viajar à Argentina (suas idas ao exterior lhe são sempre estimulantes), o presidente José Sarney mostrava-se muito preocupado com o impasse nas negociações em torno do problema da dívida externa dos Estados. “É preciso ter mesmo uma paciência extraordinária”, comentou com um de seus ministros, “para não fazer como Jânio Quadros. Não acredito que se ele estivesse no governo hoje conseguisse deixar de renunciar novamente”. Mas Sarney se considera pessoa extremamente paciente, e reiterou que passará a faixa presidencial em março de 1990, com seu dever cumprido e a nação redemocrata.



A propósito do problema com os governadores, observou que, para quem nasceu num estado como o Maranhão, é difícil considerar que as dificuldades de São Paulo são equivalentes às da sua terra, às do Piauí ou às de Sergipe. Mas, se até isso for admitido pelo Congresso, ele espera ter o mesmo espírito de transigência para não agravar as coisas. “Minha índole é a da composição, a do entendimento”, disse, e é com ela que espera superar esse e outros problemas que ainda o esperam.

A propósito, Sarney lembrou a velha anedota da visita de um governante a um presídio. Um condenado à morte pediu ao presidente que suspendesse por dois anos a execução da sua sentença, pois precisava desse tempo para ensinar um burro a falar. “Mas você conseguirá fazer um burro falar?” “Consigo, sim, é só me dar o tempo.” A execução da pena foi suspensa e, ao retirar-se o presidente, o carcereiro perguntou ao preso: “Você está doido, como é que você vai fazer esse burro falar?” “Daqui a dois anos”, respondeu, “eu posso ter morrido, o presidente pode ter morrido ou o burro pode ter morrido.” O presidente, claro, quer os 15 meses e meio que ainda lhe restam.

Também o ministro da Fazenda não está muito otimista, pois ele acha que a situação atual do país é pior do que a de 1963. Naquela época, disse, a dívida externa não era visível, a economia era menos complexa e as estatais ainda não eram os monstros que são hoje. Elas cresceram ao longo do regime militar, mas sem que isso tivesse outro sentido que não o da acidentalidade da situação. Agora, com a Constituição, já não é a mesma coisa. Maílson da Nóbrega acha que sua experiência é fascinante, pois só com ela pôde perceber como é indispensável o apoio político. Hoje, ele tem todo o apoio do presidente da República, mas sua atuação está condicionada também à aprovação do Congresso e ao respaldo da opinião pública.

Lembrou o ministro recente conversa dele com o cônsul brasileiro em Londres, ministro Otto Maia, seu velho amigo, que lhe observava que seu discurso era europeu, pela construção teórica, pela racionalidade. “Você”, disse Maia, “é elogiado pelo *Financial Times*. Duvido que o seja pelos jornais brasileiros.”

Ampliação não